



Ressurgência das margens: o projeto Beiras D'Água e os povos e comunidades tradicionais da bacia do rio São Francisco

The resurgence of margins: the Beiras d'Água (Shores) project and the traditional peoples and communities of the San Francisco River basin

Bernardo Vaz*

André Monteiro**

Anderson Camargo Rodrigues Brito***

RESUMO

O relato de experiência se propõe a identificar e a descrever o projeto Beiras d'Água, idealizado ao final de 2015 em meio aos processos de pesquisa de campo do Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (Lasat) da Fiocruz Pernambuco. O Beiras d'Água busca significar, compreender e visibilizar o complexo contexto atual da bacia do rio São Francisco, que está presente em momentos cruciais da formação do país e continua suscitando discursos que encontram prolongamentos bastante vivos. O contexto analisado está ainda relacionado à complexidade da transposição do rio São Francisco e suas novas configurações sociais e ambientais. O foco da organização do conhecimento tecida no projeto tem como materialidade a coleta de dados audiovisuais, sua classificação e disponibilização do portal "Beiras d'água – memória audiovisual do rio São Francisco". Do ponto de vista sociocrítico, as práticas de organização dos saberes desenvolvidas no Beiras d'Água permitem

ABSTRACT

The present account describes the Beiras d'Água (Shores) Project, created at the end of 2015 in the context of field research activities carried out by the Health, Environment and Work Laboratory of the Pernambuco regional Fiocruz branch. The Shores Project aims to apprehend, understand and give visibility to the complex situation prevailing in the San Francisco River basin, which is at the heart of crucial discussions for the country's formation and continues to inspire lively debate. Part of the context under analysis is the complex situation regarding the interbasin transfer of the San Francisco River and its new social and environmental configurations. The project has organized relevant knowledge and materialized it through audiovisual data, which is classified and published at the portal <http://beirasdagua.org.br/>. From a socio-critical perspective, the knowledge organization practices developed in the Shores Project facilitate the discussion of

* Pesquisador e realizador audiovisual. Cofundador da Aicó Culturas e membro da Eita – Cooperativa de Trabalho Educação, Informação e Tecnologia para Autogestão. Endereço: Rua Barão de São Borja, 460, CEP 50070-315, Recife, PE. E-mail: bernardo@eita.org.br.

** Doutor em Saúde Pública. Pesquisador titular do Departamento de Saúde Pública, Instituto Aggeu Magalhães da Fundação Oswaldo Cruz (IAM/Fiocruz). Endereço: Avenida Professor Moraes Rego, s/n, Cidade Universitária, CEP 50670-420, Recife, PE. E-mail: andremc@cpqam.fiocruz.br.

*** Mestre em Geografia – PPGEO UFPE. Endereço: rua Tomé do Rego Cavalcanti, 94, 201, CEP 50741290, Recife, PE. E-mail: anderson.camargo@hotmail.com.

a discussão sobre a questão da água no país, os povos e comunidades tradicionais, a injustiça ambiental e os conflitos territoriais, dando visibilidade às identidades locais e permitindo outras potencialidades de dados para políticas públicas.

Palavras-chave: Projeto Beiras d'Água; Povos e Comunidades Tradicionais; Bacia do Rio São Francisco; Organização dos Saberes; Documento Audiovisual.

water issues in the country, in addition to traditional peoples and communities, environmental injustice and territorial conflicts. In this way, it provides visibility to local identities and potential for such data to be used in the formation of public policies.

Keywords: Shores Project; Traditional Peoples and Communities; San Francisco River Basin; Knowledge Organization; Audiovisual Document.

INTRODUÇÃO

A proposta do presente relato de experiência é identificar e descrever, no plano das ações sociocríticas do domínio informacional na realidade brasileira, o projeto Beiras d'Água, partindo de sua concepção no plano audiovisual aos seus desdobramentos sociais. Em um sentido técnico e material, o que fazemos no projeto Beiras d'Água é reunir filmes relacionados às águas do rio São Francisco, seus afluentes e cursos artificiais. Através do portal “Beiras d'água – memória audiovisual do rio São Francisco”,¹ disponibilizamos uma interface de busca e interação com o conteúdo que é incorporado.

O projeto foi idealizado ao final de 2015, em meio aos processos de pesquisa de campo do Laboratório de Saúde, Ambiente e Trabalho (Lasat) da Fiocruz Pernambuco,² e busca significar, compreender e visibilizar o complexo contexto atual da bacia do São Francisco – presente em momentos cruciais da formação do país e que continua suscitando discursos que encontram prolongamentos bastante vivos³ –, bem como está relacionado à complexidade da transposição do São Francisco.

Sua gênese se dá a partir do encontro transdisciplinar entre pesquisadores da academia, profissionais do audiovisual, programadores e sujeitos organizados em movimentos sociais. E seu desenvolvimento tem sido gradual, partindo de experiências diretas que quase sempre apontam demanda de novas parcerias, como o diálogo iniciado em meados de 2017 com pesquisadores do domínio biblioteconômico-informacional, ou seja, da construção científica e crítica de estruturas de organização dos saberes.

¹ Disponível em: <<http://beirasdagua.org.br/>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

² No Lasat existe um conjunto de pesquisas relacionadas a estes territórios e também ao tema da água. Desde 2012, são três projetos de pesquisa desenvolvidos relacionadas à transposição do São Francisco e da bacia desse rio. Todas com a mesma abordagem teórico-metodológica da reprodução social da saúde, que é uma abordagem sistêmica. Inicialmente buscando compreender os impactos ambientais e sociais em decorrência da implantação das obras da transposição. Em seguida, aprofundamento dos processos de vulnerabilização das populações.

³ Desde o registro por Américo Vespúcio em 1501, passando pelo projeto de transposição de suas águas, aventado por d. Pedro II no século XIX, o “Velho Chico” é um dos protagonistas dos governos desde o pós-guerra, em 1945, ano de fundação da Chesf – Companhia Hidrelétrica do São Francisco –, com presença marcante dos governos militares e atuais.

O CONTEXTO E AS IDEIAS

A cartografia da expansão das atividades extrativistas no Brasil nas últimas três décadas tem farejado os locais com maior potencial hídrico. As regiões com maiores aportes de águas subterrâneas ou superficiais estão sendo capturadas pela territorialização do capital – água e terras capturadas. O *modus operandi* dessa (re)produção espacial é a injustiça ambiental. O Estado tem papel decisivo nesse processo na regulamentação das atividades econômicas extrativistas, na disponibilização de infraestrutura e recursos financeiros, atraindo investimentos em setores especializados em *commodities*, aprofundando uma geopolítica baseada em uma divisão internacional da natureza que relega aos países da América Latina a condição de territórios de extração.

A lógica dessa expansão obedece a um pacto de poder muito antigo e respeita a organicidade do arranjo político transatlântico, fundado com os processos de colonialidade. Um projeto de economia-mundo, sociedade-mundo, produção-mundo, circulação-mundo, mais-valia-mundo sobre a égide do capitalismo, mas com uma base funcional própria do projeto de mundialização colonial – organizando-se a partir de uma geopolítica das regiões do reger e regiões do fazer, como nos alude Santos (1994) ou como nos relembra Acosta (2016), no paradoxo da abundância ou maldição dos recursos naturais.

Nesse sentido, a bacia do rio São Francisco, que foi fundamental para a centralização do poder e a imposição de um discurso nacional de Estado e desenvolvimento, tem sido alvo de potentes intervenções que garantiram o controle do rio. Ações que remetem ao período imperial garantiram o quase extermínio da diversidade étnica, mas que, a partir de meados do século XX, foram marcadas pela construção de sete grandes barramentos, com vistas à produção de energia, ao abastecimento humano e à utilização econômica das águas, sobretudo em perímetros irrigados.

Uma sobreposição normativa e infraestrutural garantiu uma refuncionalização do rio (da natureza, por conseguinte) e a conversão de seu curso em recurso estratégico, contrapartida de investimento financeiro ou mercadoria –intervenções que não cessaram no século XXI.

Se os processos coloniais de etnocídio foram as bases de sustentação para a construção dos grandes barramentos no século XX, estes serviram de suporte e modelo para as intervenções em voga atualmente, repetindo o padrão de violência contra comunidades camponesas e povos e comunidades tradicionais.

O rio, barrado e controlado, a serviço de processos internacionalizados de extração, está sendo levado artificialmente até a altura de seus afluentes mais remotos ou mesmo em locais deslocados de sua organização hidrossocial de bacia hidrográfica. Trata-se de um rearranjo cartográfico da bacia que propõe o incremento hídrico para célere funcionamento e expansão de projetos de desenvolvimento, sobretudo no Ceará, Rio Grande do Norte e Paraíba, através do projeto da transposição do rio São Francisco com as bacias do Nordeste setentrional.

As comunidades e povos tradicionais nas variadas alturas do rio e seus afluentes vivenciam contextos de conflitos sociais relacionados à concentração fundiária, um dos fundamentos da formação territorial do país. Hoje, cada vez mais, há sobreposição de conflitos territoriais/ambientais (BRITO, 2016).

No baixo curso, a diminuição do aporte hídrico do rio tem produzido a salinização das águas, redução e modificação de peixes e morte de mangues. No submédio curso, muitas comunidades atingidas por barramentos em décadas anteriores estão hoje

novamente nos caminhos do progresso e *r-existem* a mais um processo de remoção. Em variados afluentes, como no oeste baiano ou na região além São Francisco, a redução de rios importantes que alimentam a bacia agudiza os conflitos territoriais e mobiliza milhares de pessoas em defesa dos rios, biomas e do modo tradicional de vida.

Para Escobar (2005), a ameaça sobre esses povos e seus territórios não é apenas uma ameaça econômica, mas uma ameaça a uma forma de existir. Para ele, a relevância da dimensão territorial é crucial do ponto de vista econômico-material, mas ela não se limita a isso e está associada a uma “resistência ontológica”.

A perseverança das comunidades e movimentos de base étnico-territorial envolve resistência, oposição, defesa, e afirmação dos territórios, mas com frequência pode ser descrita de forma mais radical como ontológica. [...] Neste marco, o que “ocupa” é o projeto moderno de Um Mundo, que busca converter os muitos mundos existentes num só (o mundo do indivíduo e do mercado), e o que persevera é a afirmação de uma multiplicidade de mundos. Ao interromper o projeto globalizador neoliberal de construir Um Mundo, muitas comunidades indígenas, afrodescendentes e camponesas podem ser vistas como antecipando lutas ontológicas (ESCOBAR, 2015, p. 92-93).

IMAGENS DA DIVERSIDADE OU DAS BEIRAS

Em novembro de 2015, conversávamos sobre as imagens produzidas nas pesquisas de campo com populações afetadas em mais de oito municípios dos eixos norte e leste das obras de transposição. Esse diálogo foi um disparador de ideias, encontros e questões que fazem parte da gênese do Beiras.

Em uma das linhas de reflexão, decidimos verificar o que o YouTube nos retornava ao buscar por “transposição do rio São Francisco”. Os resultados mais relevantes e com mais visualizações eram filmes publicitários das empresas executoras das obras ou institucionais do Governo Federal. Nos dois casos, encontramos uma semelhança estética marcante: o domínio de imagens aéreas intercaladas por números e gráficos; *voz over*, em que um narrador onisciente conta a sequência dos fatos sem estar ligado à cena.

Pesquisando em canais de TV, tanto comerciais como públicos, encontramos reportagens e, portanto, uma variação na linguagem, mas uma repetição de ausências. É como se por onde esses canais passaram – tanto de TV, como da transposição – não existissem vozes, corpos, histórias; apenas o espetáculo do desenvolvimento. Um turbilhão de imagens conduzidas pelo mesmo mercado que conduz as obras, onde o único lugar possível para nós – humanos – é nos tornarmos consumidores dessas imagens e do que elas vendem.

Mesmo que muitos desses filmes sejam públicos, do Estado brasileiro, não há outro lugar – a não ser de consumidor – para nós e os sujeitos que entrevistamos. E representam uma edição do território sem suas gentes e identidades: indígenas, quilombolas, camponeses, pescadores e pescadoras artesanais, barraqueiros, povos de terreiros, lavadeiras, caatingueiros, geraizeiros, vazanteiros, vaqueiros, atingidos de barragens, barqueiros e camponeses.

Insistindo um pouco mais nessa busca na própria *web*, usando o YouTube, Vimeo, Facebook e *websites* de algumas organizações, e constatamos que é possível

encontrar na internet os filmes que representam as vozes e olhares dessas identidades. Mas é preciso ir além dos holofotes que incidem com tanta força sobre termos como “rio São Francisco” ou “transposição”. Para captar algo mais, é preciso admitir a existência de muitos rios, que, mesmo conectados, não podem ser reduzidos a um “rio da unidade nacional”.

MEMÓRIAS E MONTAGENS

Ao longo das pesquisas de campo, foram geradas 10 horas de material bruto, contendo cerca de 50 entrevistas. Parte desse material já compunha um corte final de um filme de 56 minutos. E a outra parte questiona seu destino. Que possibilidades além de um filme?

O histórico de participação em outros projetos de formação audiovisual⁴ nos levou até a experiência coordenada por Harun Farocki e Antje Ehmman chamada *Labour in a single shot*.⁵ Em 2013, eles percorreram 15 cidades do mundo oferecendo oficinas de duas semanas com realizadores locais. Esse projeto trouxe pistas importantes. A mais direta vem do *web catalogue*, um arquivo com os 400 filmes produzidos nas oficinas que permite uma filtragem por termos não muito convencionais, como “water”, “waiting”, “hot”, “food”, “eye-work” – além de filtros por cores e cidades onde foram realizados.

Os filmes exibidos no *web catalogue* estão hospedados na plataforma Vimeo.⁶ A documentação nos fez refletir sobre as diferenças entre encontrar esses 400 vídeos entre milhares de vídeos no Vimeo e reconhecê-los a partir de um espaço e das formas de organização própria. Talvez fosse um dispositivo para que um filme produzido numa comunidade vazanteira do norte de Minas não ficasse tão isolado entre esse oceano que Vimeo e YouTube por vezes nos abre. E apontava caminhos também para possíveis destinos para os arquivos cinematográficos, para além de um filme.

A outra pista é que todos os filmes do *Labour in a single shot* foram feitos com um plano único de até dois minutos, inspirados no método dos primeiros filmes realizados no final do século XIX, como a *Saída dos trabalhadores da fábrica*, dos irmãos Lumière (BENEVIDES, 2015). Um contraste com os filmes corporativos e governamentais constituídos por uma cascata de planos de 5 segundos cada, bem como uma afinidade com os vídeos de plano único que, nas pesquisas de campo, as pessoas nos mostram em seus aparelhos de telefone. Um vídeo feito em 2012, no qual vemos uma roça de milho, mandioca e feijão; um outro vídeo de 2013 com tratores derrubando a roça e casas; um terceiro em 2015 em que um canal de cimento ocupa todo o quadro.

No cinema, é comum realizar uma operação de montagem com esses três arquivos e gerar um quarto. Entretanto, o *web catalogue* nos despertou a reflexão sobre

⁴ Entre 2012 e 2015, Bernardo Vaz participou do projeto “Vidas paralelas do campo” (UnB / Ministério da Cultura), que promoveu oficinas de formação em 15 comunidades rurais em áreas de conflito ambiental; e de um projeto de oficinas da Pastoral da Juventude Rural em comunidades do semiárido, em parceria com programa Semear / Fida / Ilica.

⁵ Disponível em: <<http://labour-in-a-single-shot.net/>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

⁶ O Vimeo é um site de compartilhamento de vídeo, no qual os usuários podem fazer *upload*, compartilhar e ver vídeos. A empresa, com sede em Nova York, anuncia que são 80 milhões de criadores de conteúdo cadastrados na plataforma. Disponível em: <<https://vimeo.com>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

montagem com o diálogo entre filmes, feita a partir dos filtros, curadorias, coleções e subcoleções. Seria possível criar um sistema que nos permitisse experimentar isso? O que esses exercícios de montagem poderiam nos revelar dos embates entre forças diversas que operam sobre um território? O que poderiam expor sobre as relações de poder, as disputas simbólicas e materiais? Como essa memória audiovisual, organizada, pode favorecer na garantia dos direitos territoriais, humanos e socioculturais?

A RESSURGÊNCIA DAS MARGENS

Um dos mais profundos conhecedores do cerrado brasileiro, Altair Sales Barbosa (2014) afirma categoricamente que “o cerrado é um ambiente em extinção”. Cerca de 70% da contribuição de água do São Francisco, originariamente, vem desse bioma, o que nos permite estender esse risco à vida do Rio. Em algumas perspectivas, já não é risco, é fato. Para seu Raimundo, pajé do povo Xocó, “já tiraram o couro do rio São Francisco, agora só falta espichar” (MARQUES, 2006. P. 24).

Em nossas pesquisas e trabalhos com atores sociais desse território, deparamo-nos com essa extinção, ao mesmo tempo com as diferentes formas e capacidades de resistência. Vale lembrar que no início do século XX não se falava mais na existência de povos indígenas na bacia do São Francisco. A quebra dessa invisibilidade foi apelidada por muitos estudiosos como etnogênese. Entretanto, algumas lideranças indígenas, contestaram essa visão – “se estamos aqui, é porque resistimos a toda forma de opressão e violência à qual fomos submetidos” –, como Maria Tumbalalá, e reformularam o conceito: “Esse é um processo de resistência étnica e não de etnogênese, mas sim de *ressurgência*” (CBHSF, 2011, pág. 119, grifo dos autores).

Esse termo nos leva diretamente à *Sobrevivência dos vaga-lumes*, de Georges Didi-Huberman, que questiona o fatalismo do “artigo dos vaga-lumes”, escrito por Pasolini em 1975, e, em diálogo com Giorgio Agamben, defende a sobrevivência da experiência e da imagem. Nas reflexões horizontes sem recursos *versus* ressurgências, o filósofo afirma que “declínio não é desaparecimento” e propõe buscar, nas comunidades que restam – sem reinar a própria ressurgência –, o espaço de elucidação:

Os reinos, “governabilidades”, segundo Foucault ou, ainda, “polícias” segundo Rancière, tendem certamente a reduzir ou subjugar os povos. Mas essa redução, ainda que fosse extrema como nas decisões de genocídio, quase sempre deixa restos, e os restos quase sempre se movimentam: fugir, esconder-se, enterrar um testemunho, ir para outro lugar, encontrar a tangente... é o que nos ensinam, cada uma a seu modo, as livres “experiências interiores” escritas por Georges Bataille, as experiências sobre a linguagem ou os sonhos transmitidos por Victor Klemperer ou Charlotte Beradt. E mesmo as “garrafas jogadas ao mar”, desesperadas, mas endereçadas, agonizantes mas precisas, dos membros do Sonderkommando de Auschwitz (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 149).

Didi-Huberman resgata a ressurgência em Hannah Arendt, para quem seria preciso “reconhecer a essencial vitalidade das sobrevivências e da memória em geral” como “atos políticos fundados sobre a “comunidade que resta”. E nos ajuda a ver além da noite escura ou da ofuscante luz dos projetos. Ao falar dos lampejos, nos levam

[...] às margens, isto é, através de um território infinitamente mais extenso, caminham inúmeros povos sobre os quais sabemos muito pouco, logo, para os quais uma contrainformação parece sempre mais necessária. Povos-vaga-lumes, quando se retiram na noite, buscam como podem sua liberdade de movimento, fogem dos projetores do “reino”, fazem o impossível para afirmar seus desejos, emitir seus próprios lampejos e dirigi-los a outros (DIDI-HUBERMAN, 2014, p. 155).

COMO FAZER?

As respostas a estas questões não viriam apenas com estudos teóricos. E para iniciar experiências práticas, inserimos em um projeto de pesquisa,⁷ apresentado à Facepe ao final de 2015, com a meta de construção de um “acervo de vídeos sobre os problemas sociais e ambientais relacionados ao modelo de desenvolvimento e a situação socioambiental do rio São Francisco”.

E é a partir desse projeto que iniciamos concretamente o desenvolvimento do Beiras d'Água, optando por um caminho com liberdade para o aprendizado, inclusive o erro, construindo nessa primeira fase estruturas leves, de código aberto e de baixo custo.

Outro princípio foi o desenvolvimento participativo e em diálogo com grupos de pesquisa e organizações sociais dos territórios, como Comissão Pastoral da Terra (CPT), Núcleo Tramas da UFC, Niisa/Unimontes, GEA/Urca, Fórum Popular Águas do Cariri, Ciência, Tecnologia e Desenvolvimento Regional/UEPB.

Nós buscávamos compreender também os sentidos e vínculos do Beiras d'Água para além dessa comunidade de desenvolvimento, entendendo nossos limites, mas também suspeitando de potências, descritas no quadro a seguir.

Quadro 1. Atores e instituições responsáveis pela construção e pelo desenvolvimento do Beiras.

Pesquisadores	Navegar pelo acervo através de palavras-chave, filtros avançados, montagens, temas, povos e rotas de navegação. Descobrir realizadores, organizações.
Artistas e realizadores	Classificar, catalogar e indexar sua obra, contar-nos sua história, sua motivação, sua luta. Descobrir outros artistas/realizadores que trabalhem com temas próximos. Conectar-se.
Organizações, movimentos sociais e produtoras	Compartilhar seus projetos, descobrir novos olhares. Fazer parte de uma rede e conectar-se com outros atores do seu território.
Escolas e universidades	Inovar a sua metodologia. Contar com um suporte original para abordar certas disciplinas do saber. Descobrir-se e formar-se.

⁷ “Estudo ecossistêmico dos processos de vulnerabilização e do acesso à água em territórios e populações na área de abrangência do projeto de transposição do rio São Francisco”, coordenado por André Monteiro Costa.

Espaços de exibição	Fazer parte de um circuito que faz sentido. Passar a sua mensagem, e colaborar na transmissão de outras. Marcar o seu lugar. Visibilizar.
---------------------	---

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa (2018).

O SISTEMA

A criação da plataforma do projeto na *web* iniciou-se nos primeiros meses com um estudo sobre os sistemas de acervo disponíveis em *software* livre para serem utilizados no projeto. Ao final dessa primeira fase, optou-se pelo desenvolvimento baseado na plataforma WordPress.

O próximo passo foi a elaboração do modelo de dados para o cadastro de itens de acervo. E logo em seguida, esse modelo foi implementado na forma de uma ficha de cadastro (ficha de dados descritivos ou catalográfica, desenvolvida para o Sistema Beiras) no painel de administração do WordPress (apresentada no item 4.2).

Para desenvolver esse processo, foram criadas as seguintes ferramentas auxiliares: (i) importação automática dos itens cadastrados no sistema Pocket;⁸ *plugin* WP Get Featured Image, para importação automática das imagens relacionadas aos itens (*thumbnails*); e *plugin* WP Beiras, que verifica itens duplicados, exibe itens não preenchidos e informa os últimos itens atualizados.

Em paralelo, iniciou-se o trabalho de desenvolvimento e implementação da interface de navegação do portal Beiras, envolvendo: (i) página inicial, contendo *slider*, busca, itens destacados com ferramenta para especificar os itens que aparecem em cada categoria, coleções, e temas; (ii) página de navegação, com filtros especificados e combinação entre eles; (iii) página específica de um item.

Em resumo, o sistema desenvolvido permite gerenciar um acervo multimídia de conteúdos arquivados em bases externas. A partir da inserção de um novo conteúdo, o sistema fornece ferramentas de curadoria de metadados, navegação, busca e criação de *playlists*.

Um dos módulos do sistema realiza a ligação entre o banco de dados e uma interface de consulta. Nesse motor de buscas são definidos os modos de navegação (*facets*), os modelos de relevância para a busca (por exemplo: na busca por “agrotóxico”, é mais relevante um conteúdo que possui o termo no nome do que outro que o possui na descrição). Usuários logados no sistema podem criar conjuntos de conteúdos em uma determinada ordem. Cada *playlist* tem um *link* de exibição específico, “Interface de consulta”.

⁸ Os filmes foram listados inicialmente no aplicativo proprietário Pocket (Disponível em: <<https://getpocket.com>>). Assim, foi necessário importar os dados desse sistema para o Wordpress.

EIXOS DE TRABALHO

Neste item, apresentamos o Beiras pela perspectiva de alguns dos trabalhos que a equipe realiza no dia a dia do projeto relacionados à organização das informações. Usualmente nomeamos essas frentes como pesquisa de acervo, cadastro, coleções.⁹

Estas frentes são desenvolvidas em paralelo com o trabalho de comunicação (gestão do *website* e páginas nas redes sociais), circulação dos filmes (articulação de mostras a partir do acervo); sistematização da experiência; gestão administrativa do projeto.

A pesquisa

A *web* é o principal universo de pesquisa nesta primeira fase. E muitas vezes isso é feito da forma mais simples: lançando o descritor “vazanteiros” na barra de busca do YouTube e do Vimeo. Em seguida, analisando os resultados.

Outra via de pesquisa são bases digitais de conteúdo audiovisual, como o Banco de Conteúdos Culturais,¹⁰ o Filmografia Baiana¹¹ ou o Filmografia Brasileira¹² da Cinemateca. Mas a presença de registros não pressupõe que os filmes estejam disponíveis nessas bases ou que o material esteja publicado na *web* com direitos que permitam exibição no Beiras.

Ainda utilizando a *web*, realizamos pesquisas em sites de festivais de cinema, o que mereceria um relato de experiência à parte. Um festival é a síntese de muitos processos de curadoria e organização da informação. Para chegar em uma proposta de 10 programas, cada um com 5 curtas, um festival pode ter recebido cadastro de 500 filmes que foram examinados e categorizados. E disponível de forma pública na *web*, não encontramos nenhum festival que ofereça um sistema de informação para busca, por exemplo, dos filmes selecionados em suas cinco edições. Sem um sistema como esse, de arquitetura simples, buscar um filme que tenha no título ou sinopse o termo “São Francisco” é um trabalho lento e manual.

Mas antes de tomar essa decisão do foco na *web*, foram realizadas visitas presenciais a instituições públicas e também canais públicos de televisão. E abertos alguns diálogos com organizações e movimentos sociais para identificar filmes em seus acervos. Nos dois casos, identificamos uma série de filmes e fotografias em formato analógico; existem filmes e fotografias já digitalizados que não estão organizados e publicados na *web*.

Por último e não menos importante, citamos o mecanismo puro e simples das indicações como importante elemento da pesquisa. Principalmente após uma atuação mais intensa nas redes sociais, começamos a receber valiosas indicações de obras audiovisuais, em alguns casos dos próprios realizadores.

⁹ Além desses itens, existem eixos de trabalho relacionados à articulação, comunicação, circulação, formação, produção acadêmica e gestão do projeto.

¹⁰ Disponível em: <<http://bcc.gov.br>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

¹¹ Disponível em: <<http://www.filmografiabaiana.com.br>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

¹² Disponível em: <<http://cinemateca.gov.br/pagina/filmografia-brasileira>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Cadastro

Para cadastrar um novo filme, cada usuário cadastrado acessa o sistema e abre uma ficha com os grupos, campos e valores apresentados no quadro a seguir:

Quadro 2. Campos de descrição do Sistema Beiras.

	Metadados	
Grupo	Campo	Valores Aceitos
Identificação Geral da Obra	Título	<texto>
	Autor	<texto>
	Entidade	<texto>
	Ano	<numero>
	Duração	minutos
	Tipo de entidade	Acadêmica, acervo pessoal, canal de TV, comunitária, escola, governamental, instituição acadêmica, movimento social, ONG ou produtora audiovisual
	Descrição	texto livre
	Link	URL
Espaço	Estado	{MG, GO, DF, BA, PE, AL, SE, CE, RN, PB}
	Município	{cidades do Brasil}
	Nome da Comunidade	<texto>
	Bioma	Cerrado/Caatinga
	Localização em relação ao RSF	Bacia do São Francisco/Transposição
	Microrregiões	62 terminologias (detalhadas no item 4.2)
Caracterização do Conteúdo	Temas	17 temas e 28 subtemas (ver item 4.3)
	Povos e comunidades tradicionais	25 tipologias, sendo 10 etnias indígenas (ver item 4.1)
	Vulnerabilização	{perda material; perda simbólica; agravos à saúde}

Fonte: elaborado pelos autores a partir de dados da pesquisa (2018).

Os campos com possíveis valores predeterminados são categorias fechadas, tratadas internamente no Wordpress como taxonomias. Os demais são campos de texto livre.

A única conexão com o arquivo do vídeo se dá através do *link* (URL) desse arquivo em uma base externa. Através desse *link*, o arquivo multimídia é incorporado no código HTML da página. Mas quando o usuário dá *play* no vídeo, ele roda no servidor onde está armazenado. Portanto, caso esse arquivo seja retirado do servidor de origem, não será mais possível sua exibição no site do Beiras.

Coleções

Outra forma de organizar os filmes no sistema é pela criação de “coleções”. No sistema Beiras, uma “coleção” é qualquer conjunto de filmes, acessível por um *link* próprio. A estrutura desse *link* está disponível no sistema em: <http://beirasdagua.org.br/colecao/{nome da coleção}>.

Até setembro de 2018, o Beiras contava com 56 coleções organizadas em 7 tipologias classificatórias: Entidades, Olhares, Destaques, Povos e Comunidades, Etnias, Rotas e Temas.

Assim, quando escrevemos e indexamos no sistema o filme *Coragem é um dom*, na classe de “temas”, relacionamos os descritores “Agroecologia”, “Convivência com o semiárido” e “Modo de vida tradicional”, previamente estabelecidos pela classificação definida pelas práticas do Beiras com a documentação coletada e com as garantias literárias dos domínios do conhecimento envolvidos na perspectiva da coleção. Na classe “Povos e Comunidades”, selecionamos “Camponeses”. Na classe relacionada à entidade, marcamos “Articulação Nacional de Agroecologia”. Esses valores vinculam os filmes às coleções que criamos para cada termo, especialmente as das classes: Entidades, Povos e Comunidades, Etnias e Temáticas.

Já as coleções chamadas de “Olhares” são feitas a partir do convite a uma pessoa para selecionar 5 a 8 filmes do acervo e escrever um texto de até 1.500 caracteres dizendo os motivos. Esse exercício evidencia a pluralidade de olhares e montagens que é possível ter em um mesmo acervo e abre diálogos para sistematização de saberes a partir dos filmes. E tem funcionado como uma estratégia de circulação. Quando o pesquisador Edson Silva faz sua curadoria e divulga em suas redes, muitas pessoas relacionadas ao tema da história dos indígenas no Nordeste passam a seguir o Beiras nas redes sociais.

A classe chamado “Rotas” representa coleções ligadas às leituras mais específicas do acervo. A rota *Um rio para Oxum*¹³ nasceu da leitura de um trecho de uma publicação comemorativa dos 10 anos do Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco. No capítulo sobre os povos do rio, os autores dizem que “trata-se de uma bacia hidrográfica com uma das maiores ocupações negras do Brasil”. E esta rota apresenta seis curtas metragens em diferentes pontos da bacia que permitem refletir sobre o tema. Já na rota *O cerrado resiste*, experimentamos de fato um percurso. A viagem inicia das cabeceiras com *A mulher no alto do morro*, de Cássio Pereira. E fecha com *Insurgência*, André Monteiro, em Correntina, Bahia.

¹³ Disponível em: <<http://beirasdagua.org.br/colecao/um-rio-para-oxum/>>. Acesso em: 9 jan. 2017.

Uma coleção pode ser no escopo de mais de uma classe. Ao utilizarmos o recurso “Destaque”, o item passa a figurar na página inicial do site.

LINGUAGENS: IDENTIDADES, ESPAÇOS E TEMÁTICAS

É através de uma busca associada pela palavra “maracatu” e o termo “Rio São Francisco” que encontramos em bases audiovisuais na web uma série de filmes relacionados à ocupação afro-brasileira dessa bacia hidrográfica. E ao analisar esse filme, novos descritores vão sendo incorporados. E descritores já usados em outros itens da coleção vão sendo vinculadas para descrevê-lo.

Entretanto, quando idealizamos o Beiras, não tínhamos a dimensão do desafio que é construir esse conjunto de descritores de forma e de conteúdo. Ao criarmos a ficha de cadastro descritivo de um filme, elaboramos os primeiros campos de descrição do Beiras, os quais denominamos “metadados”, organizados na estrutura apresentada no Quadro 2. E em um esforço seguinte, criamos um glossário para verbetes utilizados, com uma descrição curta de até 140 caracteres, uma descrição de até 1.200 caracteres e fontes.

Quadro 3 – Fragmento da estrutura do glossário adotado no Sistema Beiras.

Verbetes	Linha fina (140 caracteres)	Descrição (máximo 1.200 caracteres)
Agroecologia	Agroecologia é ciência que aproveita recursos locais para desenvolver agriculturas estáveis e sustentáveis, valorizando os saberes locais.	Agroecologia é ciência que aproveita recursos locais para desenvolver agriculturas estáveis e sustentáveis, valorizando os saberes locais. Essas agriculturas são orgânicas e apreendidas como a expressão de estratégias coletivas de produção econômica e de reprodução sociocultural. A agroecologia rompe com o positivismo lógico que desconhece a validade de conhecimentos que não sejam produzidos pelo método científico. Ela se faz mediante a revalorização das sabedorias locais e a sua integração com os saberes de origem acadêmica. Não há agroecologia sem a garantia dos direitos dos povos tradicionais, de mulheres e da juventude. É movimento porque questiona o modelo de desenvolvimento e sua insustentabilidade, incidindo politicamente.

Fonte: Gonçalves, Medeiros e Matias (2016).

Esta estrutura de glossário atendeu às necessidades de navegação no website do Beiras. Ao ver um conjunto de coleções, o usuário lê apenas a “linha fina”, e ao entrar na página de uma coleção, vê a descrição completa. Da mesma forma, ao compartilhar uma coleção em uma rede social, como Twitter ou Facebook, ela irá acompanhada da imagem de capa e da descrição de no máximo 140 caracteres.

Com alguns meses de uso, começamos a identificar problemas no “modelo de dados” materializado na ficha de cadastro e, por consequência, na representação que

o sistema gerava do conteúdo. Esses foram os sintomas que nos levaram, em maio de 2017, a buscar diálogo com o grupo de pesquisa “Ecce Liber: filosofia, linguagem e organização dos saberes”, do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict) e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio).

Um primeiro diagnóstico realizado pelos pesquisadores do Ecce Liber apontou ações empíricas no sistema, visando à ampliação dos potenciais de interoperabilidade, internacionalização, recuperação da informação, apresentabilidade e representabilidade dos saberes contidos na documentação.

Esse é um dos horizontes do Beiras d'Água a ser percorrido em diálogo cada vez mais próximo com os atores sociais e seus territórios, fazendo eco com a sociologia das ausências e das emergências proposta por Boaventura de Sousa Santos (2007) e por Escobar (2015), quando propõem uma ontologia política para visibilizar as múltiplas formas de “mundificar” a vida a partir de uma prática político ontológica de defesa ativa desses mundos, em seus próprios termos.

E quais são esses atores sociais e territórios? Quais são nossos Beiras?

Para Porto-Gonçalves, o espaço geográfico é constituído pela relação que os diferentes seres estabelecem entre si na sua materialidade. Ele considera os diferentes modos de “estar-juntos” como diferentes modos de nomear, ou seja, de designar e significar essa materialidade.

A espécie humana não só bebe água como diz água, ritualiza-a, sacraliza-a, idolatra-a, estetiza-a, cientifica-a. Nossa corporeidade biológica nos impele a buscar fora de nós mesmos o alimento, inclusive a água. Deste modo, o trabalho, o fazer, se impõe, embora não façamos a água, o ar, a terra, o fogo sem os quais não somos, não vivemos. (PORTO-GONÇALVES, 2006)

Segundo Brandão (2012), é costume, sobretudo no norte de Minas Gerais, acreditar que o nome primitivo e indígena do rio seria *Opará* e poderia significar “rio mar”. O antropólogo questiona possíveis relações dessa atribuição com o termo *Pará*, que também é atribuído ao rio em um texto que Richard Burton anota em seus diários, de uma fonte datada de 1589. Brandão ainda identifica em mapas o nome *Pirapitinga* ou *Pirapitingaa* e as variações em espanhol, francês, inglês, holandês e latim da denominação portuguesa de 1501 como rio São Francisco.

A dúvida sobre o nome desse rio é um símbolo do desafio colocado ao Beiras. Para construir a denominação desses sujeitos e seus territórios, temos nos apoiado em estudos de Juracy Marques, Edson Silva, Bartira Ferraz, que se debruçam em relatos de expedições do passado,¹⁴ relatórios de salvamentos arqueológicos e a produção histórica e etnográfica contemporânea.

A partir dessas análises, estamos revisando os atuais vocábulos que detalham as microrregiões do Beiras e elaborando uma proposta de denominação para espaços a partir dos regimes distintos de usos, apropriações e concepções sobre o rios.

¹⁴ Entre as expedições, Marques (2006) destaca: Martius e Spix (1817-1820), Gaudner (1836-1841), Robert Ave-Lallemant (1836-1841), Henrique Guilherme Halfeld (1852-1854), Richard Burton (1865) Minor Robert (1879).

DESAFIOS E LAMPEJOS

Como descrito neste relato, a construção do projeto Beiras d'Água parte da investigação de fenômenos que se estruturam a partir de um conjunto de elementos diversos que se codeterminam e produzem injustiças ambientais, vulnerabilizando a saúde do ambiente e das populações nos territórios afetados. Ainda que em fase inicial de vida, já reúne e conecta uma coleção de filmes feitos por sujeitos das muitas margens das águas do São Francisco.

Navegando nesse rio outro, que se forma pelo cinema, encontramos sinais do estado de exceção, do etnocídio e do ecocídio contabilizados como efeitos colaterais do desenvolvimento. Ao mesmo tempo, é nessas margens que estão os filmes de resistência, ressurgência e múltiplas formas de convivência. As mobilizações de Correntina, as experiências da Articulação Nacional do Semiárido, os saberes da agroecologia, as casas de semente crioula, os trabalhos de organização popular, o diálogo entre místicas e cosmologias, as múltiplas formas de arte. Os saberes para enfrentar as crises sociais e ecológicas globais.

Usar as tecnologias de informação e comunicação para facilitar o encontro com e entre mundos de sons e imagens, parece, por si só, contribuir para o enfrentamento da razão hegemônica e instrumental do capital e do Estado sobre esses territórios. De todo modo, destacamos quatro vertentes de diálogos que identificamos como desafios para a experiência se sustentar.

No diálogo com realizadores e pesquisadores do cinema, compreender formas de lidar com os sons e imagens como processo, e não como objetos de cópia ou reflexo de mundos desses autores. Nesta perspectiva, de base deleuziana, encontrar métodos e práticas do Beiras como dispositivo em que autores e mundo se inventam é um dos focos. Não apenas pela linguagem ou código narrativo, mas, sobretudo, pela experimentação de gestos e inscrição de forças.

No diálogo com a ciência da informação e organização do conhecimento, já identificamos potências e deficiências que justifiquem constituir um programa permanente de estudos e práticas críticas em organização do conhecimento. Produzindo ações orientadas para a discussão e a produção de artefatos nas perspectivas da luta contra as injustiças socioambientais e na ampliação da visibilidade e da representatividade das diferenças culturais.

A gravidade dos conflitos nos inquieta ainda a pensar em desdobramentos como experimentados no projeto Forensic Architecture,¹⁵ no qual cineastas, arquitetos, advogados e outros pesquisadores sistematizam evidências das violações contra direitos humanos, territoriais e ambientais. E assim dão suporte à ONGs, à ONU, e a organizações internacionais de procuradores. Para percorrer esse caminho, um quarto desafio é a constituição do Beiras como uma comunidade aberta, com ideias e princípios orientadores, mas uma atuação que busque mais a forma de rede do que estruturas hierárquicas, pesadas e fechadas.

Artigo recebido em 09/07/2018 e aprovado em 02/10/2018.

¹⁵ Uma agência de investigação baseada na Universidade de Londres, que inclui artistas, cineastas, arquitetos, advogados, dedicados a gerar evidências para investigações sobre situações de violência ambiental pelo mundo. Disponível em: <<http://www.forensic-architecture.org>>.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Alberto. *O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos*. São Paulo: Elefante, 2016.
- ACSELRAD, Henri. Ambientalização das lutas sociais: o caso do movimento por justiça ambiental. *Revista Estudos Avançados*, v. 24, n. 68, p. 108-119, 2010.
- BARBOSA, Altair Sales. *Entrevista*. Edição 2.048. 4 out. 2014. Disponível em: <<http://www.jornalopcao.com.br/entrevistas/o-cerrado-esta-extinto-e-isso-leva-ao-fim-dos-rios-e-dos-reservatorios-de-agua-16970/>>. Acesso em 16 nov. 2015.
- BENEVIDES, Frederico. Harun Farocki, raiva poética e planos únicos. *Passagens*, v. 5, n. 1, p. 35-54, 2015.
- BRITO, Anderson C. R. *Águas para que(m): grandes obras hídricas e conflitos territoriais*. Curitiba: CRV, 2016.
- CEPAL [Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe]. *Panorama social de América Latina 2004*. Santiago [Chile]: Cepal, 2004.
- CMBSH [Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio São Francisco]. *Guardiões do Velho Chico*, 2001- 2011.
- COMOLLI, Jean-Louis. Lessive spectaculaire des images passées. *Matériaux pour l'Histoire de Notre Temps*, n. 89-90, p. 71-75, 2008.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Cascas. Serrote: uma revista de ensaios, artes visuais, ideias e literatura*, São Paulo, n. 13, p. 99-133, mar. 2013.
- ESCOBAR, Arturo. Cultura y diferencia: la ontología política del campo de Cultura y Desarrollo. *Revista Walekeru*, n. 2, 2012. Disponível em: <<http://edu-library.com/es/walekeru>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- _____. Territorios de diferencia: la ontología política de los “derechos al territorio”. *Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente*, v. 35, p. 89-100, dez. 2015.
- ELIAS, Denise (Org.). *O novo espaço da produção globalizada*. O Baixo Jaguaribe – CE. Fortaleza: Funece, 2002.
- GONÇALVES André Luiz Rodrigues; MEDEIROS, Carlos Magno de; MATIAS, Rivaneide Lígia Almeida de. *Sistemas agroflorestais no semiárido brasileiro: estratégias para combate à desertificação e enfrentamento às mudanças climáticas*. = *Sistemas agroforestales en el Semiárido brasileño: estrategias para el combate a la desertificación y enfrentamiento a los cambios climáticos*. = *Agroforestry systems in the Brazilian semiarid: strategies to combat desertification and confronting climate change*. Tradução para o espanhol de Jorge Verdi; Tradução para o inglês de Sávio Bezerra. Recife: Centro Sabiá: Caatinga, 2016. Disponível em: <<http://www.centrosabia.org.br/assets/uploads/pdf/sistemas-agroflorestais-no-semiarido-brasileiro-WEB.pdf>>. Acesso em: 9 jan. 2017.
- MARQUES, Juracy. Povos e comunidades tradicionais do São Francisco. In: MARQUES, Juracy. (Org.). *Ecologias do São Francisco*. 1. ed. Paulo Afonso: Fonte Viva, 2006. v. 1, p. 92-96.
- MITIDIERO JR., Marcos A. Crise do capital global, natureza e agronegócio. In: RAMOS FILHO, Eraldo da S.; MITIDIERO JR. Marcos A.; SANTOS, Layany R. S. (Org.). *Questão agrária e conflitos territoriais*. São Paulo: Outras Expressões, 2016.

PORTO-GONÇALVES, Carlos W. *A natureza da globalização e a globalização da natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

PORTUGAL, Aline. *Geografia de espaços outros: ocupar e inventar as cidades no cinema brasileiro contemporâneo*. 2016. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.

RIGOTTO, Raquel et. al. Perímetro irrigados e direitos violados no Ceará e Rio Grande do Norte: “Porque a água chega e a gente tem que sair? ”. *Revista Mundo do Trabalho*, dez. 2016.

SAUER, Sérgio; FLORÊNCIO, Jackeline. *Relatório da Missão Dhesca à região de Petrolina e Região do São Francisco: violações de direitos humanos de comunidades quilombolas e ribeirinhas, povos indígenas e famílias assentadas de reforma agrária às margens do rio São Francisco*. Recife: Dhesca Brasil, 2010. Disponível em: <http://www.mabnacional.org.br/materiais/230211_relatorio_missao_terra_saofrancisco.pdf>. Acesso em: 9 jan. 2017.

SAMAIN, Etienne. *Como pensam as imagens*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2012.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social*. São Paulo: Boitempo, 2007.

SANTOS, Milton. *Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Edusp, 2008.